

O LEITOR PARA ALÉM DO TEXTO E SUA RESPONSABILIDADE SOCIAL

Fernanda da Silva Oliveira (UEG)¹

Resumo: A leitura constitui-se como um caminho eficaz para o exercício de uma prática crítico-reflexiva na formação do leitor literário contemporâneo. Na literatura e em outras esferas de discurso, o leitor precisa estabelecer uma relação aprofundada com a linguagem e as suas significações, refletindo acerca dos valores éticos e sociais aí implicados. Preocupados com questões discursivas e ideológicas, nem sempre explícitas, mas sempre presentes na relação entre leitor e texto, temos neste trabalho o objetivo de refletir sobre a formação do leitor contemporâneo, considerando o exercício do seu senso crítico quando em diálogo com o texto. Fundamentam nossa pesquisa as contribuições teóricas de Fairclough (2016), Rios (2015), Kleiman (2002) entre outros.

Palavras-chave: Leitura crítica; Leitura como prática social; Literatura; Formação do leitor literário.

Introdução

A escola é o espaço onde iniciamos nossa jornada rumo a eterna construção dos saberes. Uma das principais habilidades desenvolvidas em tal ambiente é a da leitura, tão importante para a vida social de qualquer sujeito. De acordo com Kleiman (2002, p.1),

a leitura e a aprendizagem se constituem mutuamente. Por isso que a leitura é essencial - uma vez ensinado esse instrumental para os alunos, eles terão a possibilidade de continuar aprendendo, de acordo com os seus próprios objetivos, interesses, ritmos de aprendizagem. (KLEIMAN, 2002, p. 1)

É na escola que geralmente temos nosso primeiro contato com a leitura, e neste ambiente criamos nossos vínculos e descobrimos todo o universo que cerca o ato de ler. Atualmente, o ambiente escolar tem o desafio de extrapolar as possibilidades da leitura para além da técnica e fomentar uma relação onde o professor atue como um mediador cultural, responsável principalmente por compartilhar experiências que evidenciem a relação do leitor com o texto/livro.

A leitura se faz presente em nossa vida em diversos espaços e situações, assim como praticamos o exercício da leitura para diferentes finalidades: lazer e/ou diversão, estudo, escrita, pesquisa, entre outros. Deste modo, a leitura constitui-se como um caminho eficaz

¹Graduada em Letras – Licenciatura dupla (UFG), Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia (PPG-IELT) pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Professora de Língua Portuguesa e Espanhol no Instituto Federal de Goiás. Contato: fernandahgg@hotmail.com



para o exercício de uma prática crítico-reflexiva na formação do leitor literário contemporâneo.

Os desafios do leitor contemporâneo

Para atender aos anseios da pós-modernidade, a educação precisa dialogar com outros campos a fim de formar um cidadão mais autônomo e crítico. Assim, as várias manifestações da arte, tão presentes no contexto educacional, e entre elas, a literatura, podem ser uma provocação ou uma alternativa para o empoderamento do sujeito. Diante de tal contexto, qual seria o papel do leitor contemporâneo, seja ele literário ou não?

Concordamos com Orlandi (2006, p.26) quando afirma que “o leitor não apreende meramente um sentido que está lá; o leitor atribui sentido ao texto”. Assim, entendemos que o leitor possui um papel fundamental na compreensão do texto, o que significa que o receptor do discurso é tão produtor do efeito de sentido de uma mensagem quanto o seu emissor. A leitura implica, portanto, mais do que apreensão de sentido(s), decodificação ou mera construção do significado. Implica reconhecer que o sentido pode ser outro, embora sempre determinado historicamente, aquilo que é dito, é também atravessado por um não-dito.

Buscamos desvelar os desafios do leitor contemporâneo sob um olhar diferente, guiados por uma disciplina que dialoga com diferentes áreas do conhecimento. Para tanto, nos amparamos na teoria proposta pela Análise do Discurso Crítica (ADC), vertente britânica, e seus estudos críticos sobre o discurso, que são relevantes porque apresentam um caráter interdisciplinar, contemplando diferentes interesses. Além disso, trata-se de uma disciplina que atende às demandas sociais nas diversas áreas como linguagens, mídia, comunicação, ciências sociais, educação, entre outras.

Pensando no papel do leitor ao longo da história e para os teóricos dedicados aos estudos da linguagem, podemos destacar:

- Pêcheux (1997): fala em *condições de produção do discurso* e na necessidade de prever o outro, o leitor;
- Bakhtin (1992): propõe o conceito de *sujeito-leitor* para além da decodificação – “*posição responsiva ativa*”;
- Fairclough (2016): recomenda que sejam consideradas as condições de *mediação*, o que contempla o processo de produção, distribuição e recepção do texto.



É possível perceber que ao longo do tempo, o leitor foi conquistando espaço e tendo sua responsabilidade reconhecida junto a construção de sentidos de um texto. Para a ADC, o leitor desempenha uma função na prática discursiva.

Fairclough (2016), um dos principais nomes da ADC, afirma que,

a análise de um discurso particular como exemplo de uma prática discursiva focaliza os processos de produção, distribuição e consumo textual. Todos esses processos são sociais e exigem referência aos ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nos quais o discurso é gerado. A preocupação central é estabelecer conexões explanatórias entre os modos de organização e interpretação textual (normativos, inovativos, etc.) como os textos são produzidos, distribuídos, e consumidos em um sentido mais amplo, e a natureza da prática social em termos de sua relação com as estruturas e as lutas sociais. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 103;104)

O diferencial da ADC quanto às outras vertentes da Análise do Discurso, é que a disciplina incorpora o fator social ao uso da linguagem, e por isso, percebe o leitor como um *ator social*, que participa de uma prática social. No mundo contemporâneo, a leitura caracteriza-se como uma importante prática social, e segundo Kleiman (2002, p.1), é “absolutamente essencial, hoje em dia, para fazer frente a uma sociedade que muda muito rapidamente. ”

Corroboramos com a teórica quando acrescenta ainda que,

existem diferentes maneiras de lidar com um texto e que estas são impostas pelas instituições que os criam, daí que o sujeito, para ser considerado um leitor, tenha que transitar por diversas práticas de diversas instituições, como as da mídia escrita, da imprensa jornalística.(KLEIMAN, 2002, p. 1)

Assim, convém enxergar no texto, um importante veículo de informação, onde o leitor participa ativamente, ou seja, é convidado a construir diferentes opiniões, posicionando-se criticamente em relação ao texto. Até mesmo na literatura e em outras esferas de discurso, é possível ir além. O leitor precisa estabelecer uma relação aprofundada com a linguagem e as suas significações, refletindo acerca dos valores éticos e sociais aí implicados. Dessa forma, a leitura configurará uma importante ferramenta para além da educação e através da qual é possível formar leitores-cidadãos.

Preocupados com questões discursivas e ideológicas, nem sempre explícitas, mas sempre presentes na relação entre leitor e texto, temos neste trabalho o objetivo de refletir sobre a formação do leitor contemporâneo, considerando o exercício do seu senso crítico quando em diálogo com o texto. Defendemos uma prática leitora que desvele as



significações sociais da linguagem e suas implicações relacionadas ao poder e a ideologia e que fomente novas práticas de engajamento em lutas que visam transformações locais e globais.

Considerando que o exercício da leitura vai muito além da decodificação, concebemos o leitor como um agente social, participante de uma prática social e capaz de transformar sua realidade a partir da interação com o texto. Em contato com o texto, o sujeito é capaz de construir e reconstruir sentidos, fazer escolhas, ser crítico e praticar a autocrítica.

Se pensarmos na relação entre autor, leitor e obra de arte, no caso, a literatura, acreditamos que através da leitura, o indivíduo pode compreender e entender a sua realidade, chegar a importantes conclusões e interferências sobre o mundo em que vive. Para tanto, o leitor precisa estabelecer uma relação aprofundada com a linguagem, para durante o exercício da leitura, desvelar o que não está escrito, perceber o dito e o não-dito, estabelecer intertextualidades, convocar o seu conhecimento de mundo, estabelecer vários sentidos a um mesmo texto. Além disso, é preciso considerar as exigências da sociedade moderna, onde vivemos uma época de emergências, de reconhecimento de diferenças, de identidades plurais, de antagonismos sociais e de relações de poder. Assim, a processo de formação do leitor contemporâneo deve considerar seu conhecimento prévio e/ou mundo, desenvolver sua capacidade de problematizar, não ser ingênuo, perceber os silenciamentos, considerar quem fala (o autor), o lugar de onde fala (o autor), entre outros.

Convém destacar ainda, o potencial do texto enquanto discurso para uma formação crítica do leitor contemporâneo. Moita Lopes (2002) defende a natureza social do discurso. O discurso é um processo de construção social, guiado por significados negociados entre os participantes, estando eles posicionados em relações de poder. Além disso, o discurso configura ainda uma forma de ação no mundo, onde os participantes agem por meio da linguagem, construindo a sua realidade social e a si mesmos. Ainda sobre discurso, Fairclough (2016, p.94), argumenta em favor de seu potencial como “modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”.

Dessa forma, buscamos promover a leitura não só como prática e responsabilidade social, mas como uma possibilidade de intervenção na sociedade em que vivemos.



Portanto, criar condições para o exercício de uma leitura de caráter crítico-reflexiva, capaz de agir como um mecanismo de resistência, de apoderamento e empoderamento contra qualquer tipo de prática hegemônica, ainda é um desafio para as nossas escolas.

A relação entre leitura e educação

Já destacamos anteriormente que, geralmente, é através da educação e na vida acadêmica, principalmente enquanto alunos, que nosso contato com a leitura é intensificado. Nessa perspectiva, a escola deveria funcionar como um espaço de formação de leitores. Porém, o contato com os livros não acontece de forma igualitária (como tantas outras experiências) se consideramos os diferentes públicos presentes nas paisagens educacionais. Se para a classe mais privilegiada a leitura forma parte do processo de aprendizado, para as classes menos favorecidas a leitura representa algo maior, uma oportunidade de sobrevivência e acesso à melhores oportunidades no mundo. Perceber a leitura enquanto uma forma de acesso ao mundo crítico da sociedade que participamos e fomentar sua prática como um mecanismo de libertação, deve ser um compromisso (não só, mas principalmente) para aqueles que se dedicam a educação.

A leitura precisa ser incentivada desde os primeiros anos e nas fases iniciais, através dos canais sensoriais, e seguir nas demais fases como uma forma de interpretar o mundo e a vida. Nossas crianças e jovens devem ser estimulados, seja na escola, na família ou em qualquer outro ambiente, a praticar a pela leitura não só como lazer, mas principalmente como um instrumento de libertação e aprimoramento humano. Tal formação, repercutirá em todos os âmbitos da vida desse sujeito, capacitando não só um bom leitor, mas um bom pesquisador e conseqüentemente, um bom profissional.

A literatura e outras manifestações artísticas podem ser utilizadas, dentro e fora da escola, como forma de provocação e/ou alternativa para o empoderamento do sujeito. Através do contato com o texto, é possível criar condições e desenvolver estratégias para que o leitor faça uma leitura crítica, seja capaz de problematizar, ir além do texto.

Porém, é válido lembrar que a responsabilidade de fomentar uma leitura comprometida não é tarefa exclusiva das áreas de humanas. Todas as áreas podem contribuir com práticas de leitura que instiguem, provoquem, exercitem as diversas capacidades de compreensão de um texto, sejam eles didáticos ou não. Aliás, trabalhar com textos do nosso cotidiano (de repartições públicas, igrejas, publicidade, mídia, entre



outros) pode ser uma excelente ferramenta, já que considera o conhecimento de mundo do aluno e contribui de maneira a inseri-los em práticas sociais do dia a dia.

No presente estudo, buscamos contribuir para potencializar o leitor como um agente social, participante de uma prática social e capaz de transformar sua realidade a partir da interação com o texto. Deste modo, a leitura constitui-se como um caminho eficaz para o exercício de uma prática crítico-reflexiva na formação do leitor literário contemporâneo.

Conclusão

Como função primordial, a leitura é uma ferramenta para a apropriação do conhecimento. Porém, seu potencial tem sido negligenciado fora e dentro da escola. O contato com o texto oferece infinitas possibilidades de problematizar e entender para além do texto, estabelecendo conexões e capacitando o leitor para atuar na sociedade.

Enquanto sujeitos envolvidos em práticas educacionais, cabe a cada um de nós, assumir a responsabilidade para uma formação, tanto pessoal, como do outro, visando um sujeito ativo, participativo e consciente de seu poder de transformação social. O exercício da leitura crítico-reflexiva é um caminho que conduz à emancipação (política, social, econômica e cultural) e por isso, deve ser praticada dentro e fora dos espaços educacionais, a fim de preparar nossos leitores para atuar e construir uma sociedade menos desigual.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2016.

KLEIMAN, Ângela. *O jornal e a escola: programas e projetos*. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/anais-jornal/jornal1/MesasRedondas/AngeaKleiman.htm>>. Acesso em: 01/05/17

ORLANDI, Eni. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2006.



PÊCHEUX, Michel. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas. In: GADET, F. HAK, T. (Org.). *Por uma análise Automática do Discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

RIOS, Guilherme Veiga. *Discurso docente sobre conceitos no ensino de língua portuguesa como língua materna e a consciência linguística crítica*. Domínios da lingu@gem, v. 9/4, 2015.